

A fenomenologia deixou de ser apenas uma dessas portas giratórias através das quais passam, percebida ou desapercebida, vários psicanalistas. O novo sentido dado à palavra *ontologia* por Sartre e Merleau-Ponty fez crer num objeto de experiência e de interesse que fosse comum à fenomenologia e à psicanálise. A primeira tem permeado visivelmente a teoria psicanalítica, evidenciando sua presença também em nossa produção nacional. Para dar um exemplo, o *insight* sobre o campo e sua ruptura vem a Fabio Herrmann num momento que lembra fortemente os de Roquentin na *Náusea* de Sartre¹. Entretanto, o que parecia promissor nos primeiros momentos desta conversa entre os dois terrenos resultou rapidamente numa confusão no que diz respeito ao lugar que um tem para o outro; mais do lado de psicanalistas entusiasmados com o fenomenologia - Férida é, a meu ver, uma rara exceção - do que do lado dos filósofos.

Muito antes de *O ser e o nada*, Sartre já pressentia a relevância da descoberta freudiana para aquilo que desejava apreender na existência e no ser. Cita Freud já em suas pesquisas sobre a imaginação e o imaginário, realizadas entre 1924 e 1928, e nos *Diários da Guerra Curiosa*, redigidos entre 1939 e 1940, dos quais apenas uma parte foi conservada. Numa espécie de autoanálise, Sartre evoca cenas da sua infância duran-

O lar e a intimidade do vizinho

Resenha de Camila Salles Gonçalves, Desilusão e História na Psicanálise de J. P. Sartre, São Paulo, NovAlexandria, 1996, 230 p.

te um vivo diálogo com Freud em torno da analidade. André Green nota, com surpresa, a presença constante da psicanálise na reflexão de Sartre, além da acuidade e inteligência com que este captou em seus diários, já neste período inicial do seu trajeto, a especificidade freudiana do sexual². No entanto, chegando tão perto de Freud, era preciso "superá-lo" (*le dépasser*): segundo Sartre, o que é primeiro e primário é o buraco (*trou*) e não o sexual (da fase anal); "desde que o homem surgiu no mundo os buracos tornaram-se humanos. O mundo é o reino dos buracos. De fato, o buraco é ligado à Recusa, à Negação, ao Nada. O buraco é aquilo que não é". Verifica-se então que é justamente neste ponto, o do sexual e do infantil, que qualquer projeto fenomenológico se vê obrigado a separar-se da psicanálise. Tal afirmação não é motivada pela aparente incompatibilidade entre a coerência conceitual de um arrazoado filosófico, de um lado, e um conhecimento derivado de uma *práxis*, de outro, já que tal contestação cairia num absurdo no caso de Sartre: para ele é a literatura, e não a filosofia, que detém a última palavra. O reconhecimento (não plenamente consciente) deste divisor de

águas entre a psicanálise e a ontologia fenomenológica por ele instaurada nos parece seu grande mérito, por mais que Sartre se encontre, em outros momentos, tão distante em relação ao que são a psicanálise freudiana e sua prática. Um exemplo é quando diz - Camila evoca esta passagem em seu livro - que a interpretação faz o paciente tomar *conhecimento*, e não *consciência*, daquilo que ele é.

O livro de Camila Salles Gonçalves é, neste sentido, exemplar. Trata-se de uma psicanalista que, ao dirigir a atenção para o que nos é tão próximo numa obra pertencente à fenomenologia, nos permite refletir sobre a demarcação dos terrenos de investigação. Qual vizinhança poderia ser melhor que a de Sartre, ele que afirmava "não se pode compreender o fenômeno psíquico *de fora*, seja

a partir de um determinismo positivista, seja através de uma reconstrução que combina conceitos que permanecem exteriores a um estado vivido. Acredito também que não se pode estudar uma neurose sem (...) um esforço contante para tentar captar a situação de base, *revivendo-a*, e sem tentar reencontrar a resposta do doente para esta situação; penso a doença mental como 'uma saída' que o organismo livre, enquanto unidade total, inventa para poder viver uma situação insuportável"³. Já em seus diários, escritos há quase sessenta anos, a referência a Freud denuncia um erro de princípio - o que confunde *vizinhança* com o *próprio lar* - no qual incorre a propagação atual de escritos que, ou visam corrigir a "ingenuidade" freudiana por um certo Winnicott, aliás bem assessorado por um certo Heidegger ou um certo Merleau-Ponty, ou, utilizando-se das obras destes filósofos, tentam fundamentar ou criticar Freud e outros, como Lacan e Winnicott.

Longe dessas distorções atuais, a preocupação fenomenológica de Sartre encontrou - o que não nos parece um acaso - uma acolhida na contribuição autêntica, original e significativa de Laing, que, embora estivesse muito por dentro do campo psicanalítico, soube distinguir e escolher - no plano teórico e prático - entre os dois campos. Sartre e Laing, nunca é tarde

lembrar, marcaram uma época, a da nossa juventude. Se a *insegurança ontológica* da nossa adolescência acabou por nos levar finalmente ao divã, Sartre, o antigo companheiro de então, permaneceu como o jovem que em nós resiste à análise, ao saber e ao sabor do tempos, ao envelhecer.

Camila retoma o projeto sartreano de uma psicanálise existencial, resgatando seus fundamentos e seu contexto na obra original: *O ser e o nada*. Embora faça menção, aqui e ali, à relação de Sartre com a psicanálise freudiana, o livro não tenta abordar esta questão. Tampouco se engaja na tendência atual que visa encontrar o inconsciente na má-fé, ou a tensão entre o eu e seu ideal na temporalidade instaurada entre o para-si e seu em-si. O livro não é sobre a relação de Sartre com Freud e com a psicanálise, e não se apressa em direção à *Crítica da razão dialética* para encon-

trar no autor desta obra - o que ele foi para muitos - "um verdadeiro filho de Freud e de Marx". (Para uma interpretação psicanalítica da relação de Sartre com a psicanálise, assim como da sua obra e da sua vida, recomendamos o brilhante e conciso estudo de André Green mencionado na nota 2).

"Uma verdadeira ontologia fenomenológica parte do ser da consciência, revelando, na inerência desta experiência, a distância de *si* que a caracteriza - o ser *para-si*" (p. 10). Camila nos explicita, já nesta introdução, por que o projeto sartreano de "psicanálise existencial" parte da questão inerente ao ser da consciência, revelando na fugidia constituição da existência a dimensão da temporalidade: a *história*, o próprio movimento que se inscreve na perspectiva ilusória de superar a quebra de origem, mas é fadado a traçar o caminho da *desilusão*.

Para seguir o modo pelo qual a psicanálise existencial está articulada no conjunto da obra, a autora percorre o longo caminho de Sartre, que vai da *transcendência do ego ao sujeito*, deste à questão da *alteridade* - do outro - e finalmente chega à inteligibilidade da *ação do sujeito* no nexos social da História. Se as estruturas do para-si, lidas no contexto psicanalítico francês sob a influência de Lacan, chegam a evocar uma pálida semelhança com o dese-

jo em Freud, logo essas mesmas estruturas, vazias de conteúdo, obrigam a abandonar, ou silenciar, o que parecia comum aos dois campos. Embora o trabalho de leitura das biografias que Sartre propõe tenha linhas de intersecção com o da análise, eles se inscrevem em registros muito diferentes. A trajetória do filósofo é marcada pela intenção de tecer o *dentro* da constituição existencial do ser com o *fora* do traço inscrito na história. Isto o levará, mais tarde, no segundo período da sua obra - entre 1950 e 1960 - à dialética. Camila Gonçalves descreve com clareza este trajeto, inserindo-o de forma crítica em seu solo natural: Descartes, Kant, Hegel, Husserl e Heidegger. Quem for ler agora o livro de Camila pode saborear a leitura na companhia de uma de suas fontes principais, *O ser e o nada*, cuja tradução foi recentemente lançada no Brasil.

Detive-me pouco sobre o conteúdo da tese de doutorado de Camila. Sabendo que escrevia para psicanalistas, deixei de compartilhar com meus leitores o prazer de re-encontrar Sartre na leitura do livro, optando por centrar meus comentários no que o livro *não é*. Quis assim destacar seu grande mérito: o de ser uma investigação exemplar, rara entre os que transitam nos dois campos, tanto psicanalistas quanto filósofos. A autora não mistura as coisas; e seus trabalhos psicanalíticos, parte dos quais os leitores desta revista tiveram a oportunidade de conhecer, são neste sentido um testemunho complementar ao livro que agora nos oferece. Ela

nos faz lembrar também de que nada é mais natural do que escapar-se para o lar do vizinho quando o *unheimlich* da própria casa abate-se sobre nós. Distinguir o próprio lar da vizinhança é um passo necessário em direção à difícil tomada de consciência de que o *unheimlich* é próprio do *heimlich*, da própria casa.

NOTAS

1. Cf. o capítulo "Ruptura de Campo", in *Andaimes do Real*, São Paulo, Brasiliense, 1991, 2a. edição.
2. Ver André Green, "Des mouches aux mots", in *La Délitaison*, Paris, Les Belles Lettres, 1992.
3. Cf. a introdução de Sartre ao livro que Laing e Cooper dedicaram ao segundo período da sua obra (*Reason and Violence*, Londres, Vintage Books, 1964).

Daniel Delouya é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e pesquisador (pós-doutorando) no Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.